

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

174

INSCRIÇÕES 662-664



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ÁRULA DEDICADA A JÚPITER ÓPTIMO MÁXIMO
SALVADOR,
PROCEDENTE DE SALDANHA, MOGADOURO
(*Civitas Zoelarum, Conventus Asturum, Hispania citerior*)

No sítio do Lombo do Ouro, termo da localidade de Saldanha, da freguesia homónima do concelho de Mogadouro, foi descoberta uma árula aquando de uma lavra para sementeira de trigo, num terreno pertencente a José Joaquim Pinto, o achador da peça¹. O Lombo do Ouro tem sido interpretado como povoado romano², situando-se na parte média do planalto de Miranda, numa zona caracterizada por um ondulado regular de baixas colinas e de lombas, com altitudes entre os 700 e os 800 m, preenchida por campos abertos, implantados em terras pobres e pouco produtivas.

O terreno onde ocorreu o achado configura um montículo, de topo aplanado e encostas suaves, delimitadas por duas linhas de água que drenam para o ribeiro do Repasquinho, as quais integram o sistema de alimentação do rio Angueiras que corre a norte. Maioritariamente utilizado para produção de forragem para o gado, está ocupado parcialmente por olival, em cuja

¹ Os autores agradecem ao senhor José Joaquim Pinto a cedência da peça para estudo e publicação e elogiam a sua decisão de a expor, para fruição do público, na Sala-Museu de Arqueologia de Mogadouro.

² F. S. LEMOS, *O povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*, Braga, [s. n.] (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho), 1993, IIa, pp. 298, n.º 400.

superfície se recolheram fragmentos de cerâmica de construção e doméstica comum, bem como elementos pétreos, como mós e cantarias.

Associada a esta aldeia há já referência a variada epigrafia, inclusivamente votiva. Relativamente a esta última há a apontar um interessante altar dedicado a *Iuppiter Optimus Maximus Depulsor* (?), oferecimento de um militar³.

A peça encontra-se recolhida na Sala-Museu de Arqueologia, em Mogadouro (n.º de inventário: 001.15/SMA.DT), desde 2015. É a segunda dedicatória a *Iuppiter Optimus Maximus Conservator* procedente do concelho, onde, em Setembro de 2014, se descobriu uma outra no sítio do Mural, termo da localidade de Zava⁴.

Executado em serpentinito, o suporte (26,9 x 17,2 x 6,9 cm), tipologicamente definível como árula, assume a particularidade de apresentar uma volumetria em cunha, criada pelo plano rampante da face posterior, fazendo variar a espessura, do coroamento para a base, entre os 6,9 e os 2,7 cm⁵. A elaboração do monumento é singular, apresentando especial cuidado na definição dos planos anterior, superior e laterais – uma vez que o posterior e o inferior não receberam acabamento –, bem como na paginação.

O coroamento (6,7 x 16 x 6,9) e a base (5,5 x 16,4 x 3,4) são separados do fuste (14,6 x 15,7 x 6,9) por ranhuras de perfil irregular arredondado, visíveis nas faces anterior e laterais, sendo mais profundas nas últimas de molde a acentuar a separação, dado que não existirem diferenças de plano na estruturação da face anterior.

No coroamento, duas ranhuras menos marcadas e

³ AE 1974, 393 bis = AE 1987, 606. A. REDONTOR, «Militares na Asturia meridional: os testemunhos epigráficos do Nordeste Transmontano», *Brigantia*, 32, 2012-2013, p. 54-57.

⁴ A. P. DINIS, A. REDONTOR e E. CAMPOS, «Árula dedicada a Júpiter Ótimo Máximo Salvador, procedente de Zava, Mogadouro (*Civitas Zoelarum, conventus Asturum, Hispania Citerior*)», *Ficheiro Epigráfico*, 144, 2017, n.º 589.

⁵ Agradecemos ao Prof. Doutor Luís Gonçalves, da Escola de Ciências da Universidade do Minho, a prestimosa colaboração na análise e identificação da matéria-prima desta árula.

tendencialmente paralelas à anterior definem uma banda lisa central, sendo os lados aprumados, mas de arestas anteriores com biseladura côncava, e o topo sumariamente recortado por dois movimentos curvos logo acima da ranhura superior, não continuada nas faces laterais, evocando *fastigium* ladeado por *pulvilli*. A parte frontal daquele elemento central encontra-se lascada e uma fractura oblíqua cindiu o lado direito, bem com o canto superior do fuste, permanecendo conjunto o fragmento amputado.

Os lados do fuste não são perfeitamente esquadrados, tendo as arestas posteriores recebido biselamento.

Tal como o corpo central, também a base é lisa, sendo limitada com irregularidade no lado direito e inferiormente, onde falta acabamento. Este foi executado por alisamento nas faces anterior, laterais e superior da peça, mas o talhe não é primoroso.

I(oui) · O(ptimo) · MAX/IMQ · ÇON/SERVATO/RI · M(---) · M(---) · P/RO · SVIS

A Júpiter Ótimo Máximo Salvador. M(---) M(---), pelos seus.

Altura das letras: l. 1: 1,9/2,5; l. 2: 1,8/2,1; l. 3: 1,7/2,2; l. 4: 1,9/2,4; l. 5: 1,8/2,1.

Margem superior: 3,3/0; margem inferior: 27,5/26,8; margem esquerda: 13,9/9,3; margem direita: 15,5/3,2. Espaços: l. 1: 6; l. 2: 4; l. 3: 0/0,5; l. 4: 3,6/0.

A face anterior do suporte é ocupada pela inscrição para cujo traçado foram realizadas linhas de pauta, distintamente visíveis no enquadramento das duas derradeiras regras de um conjunto de cinco. O texto divide-se por elas com translineações livres que não procuram o estrito respeito pela divisão silábica, estando empatadas as situações em que tal acontece relativamente às opostas. O alinhamento procurou-se à esquerda, mas também neste aspecto a paginação não é escrupulosa, pois o início das duas primeiras linhas apresenta um ligeiro avanço relativamente às restantes, resultando como que dois blocos discrepantes dentro da mesma tendência. A opção pela gravação por extenso

de dois dos epítetos jupiterianos acarreta que a epiclese se reparta pelas três primeiras linhas e pelo início da quarta, que também acolhe as iniciais do dedicante e a primeira letra da fórmula justificativa da dedicatória.

A gravação inicia-se imediatamente abaixo da ranhura que separa o coroamento, ficando inferiormente desocupada uma banda pouco mais alta do que os espaços definidos pelas linhas de pauta.

A ductilidade da matéria do suporte induziu gravação pouco firme em que os sulcos variam em termos de espessura e de secção. O desenho dos caracteres apresenta também variações, mesclando numa matriz de capitais comuns influências que os aproximam das alongadas, aspecto bem patente em grande parte dos OO, no X e no P, e da escrita cursiva, como na grafia do E reduzida a II. Os primeiros são maioritariamente de configuração alongada (l. 1, 2 e 3), pois em apenas um há tendência circular (l. 5). Os AA apresentam-se sem travessão e estão na base do desenho dos MM, que assumem, assim, um formato largo, com vértice central ao nível da linha. As paças dos RR, pouco desenvolvidas, abertas e algo ovaladas, são idênticas à do único P e da sua extremidade arrancam as pernas lançadas para frente, apresentando uma delas tendência côncava (l. 5). Os SS destacam-se pela curva inferior mais desenvolvida e o único N pela configuração inclinada para diante.

A pontuação é tendencialmente redonda, ainda que denote alguma irregularidade formal, sendo utilizada na separação dos diferentes elementos vocabulares do texto, estejam eles abreviados ou por extenso, colocada a meio da altura das letras, ainda que nem sempre rigorosamente no centro do espaço interliteral.

A identificação do dedicante encontra-se abreviada por intermédio de duas iniciais que verosimilmente apontam para o uso de *duo nomina*. Por um lado, a cronologia da peça, como se verá, permite acolher como válida esta estrutura onomástica, por outro, o rasto sociológico das dedicatórias a esta invocação conhecidas na região nordestina permite reforçar esta convicção. Para além da supracitada árula de Zava, há a referir outras duas mais a sul, concretamente em

Lagoaça (Freixo de Espada à Cinta)⁶ e em Carviçais (Torre de Moncorvo)⁷. Em face das duas letras em causa não é possível alcançar proposta de desdobramento segura, inclusive para a primeira, dado não haver registo de qualquer gentílico na área do planalto mirandês que tenha aquele começo. Será ainda de referir que também não se encontram entre os mais frequentes na Hispânia⁸.

Como foi referido na publicação da árula de Zava, o ente divino cultuado era ali, tal como neste caso, o Júpiter Capitolino, na sua feição soberana, patentada pelos qualificativos *Optimus* e *Maximus*, mas que surgem acrescidos de um outro com a intenção de definir uma dimensão mais concreta, a do deus que zela pela salvação do império e do príncipe⁹. Não obstante, apontámos que não seria forçoso que no quadro desta invocação particular fosse Júpiter exclusivamente na óptica política, avocando a plausibilidade de que, em ambientes rurais do mundo provincial, a ele se recorresse com um prosaico sentido protector¹⁰. A fórmula que encerra o texto parece confirmar esta aceção como primordial nesta dedicatória, embora se deva realçar que o plausível estatuto quiritário do dedicante oferecerá um razoável enquadramento para o distanciamento da faceta

⁶ *HEp* 3, 429; *AE* 1987, 607; *RAP* 368 [J. M. GARCIA, *Religiões antigas de Portugal: aditamentos e observações às Religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcelos: fontes epigráficas*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Temas portugueses) (= *RAP*)].

⁷ *RAP* 367.

⁸ Apesar de não estarem actualizados, seguimos a título orientativo os resultados obtidos do cômputo elaborado por J. M. ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres personales en las inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia – [Madrid], Universidad, Secretariado de Publicaciones – Universidad Complutense, 1994 (Arqueología; 1. Anejos de Antigüedad y Cristianismo; 2)

⁹ J. TOUTAIN, *Les cultes païens dans l'Empire romain*, première partie: *Les provinces latines*, tome 1: *Les cultes officiels; les cultes romains et gréco-romains*, Paris: Ernest Leroux (Bibliothèque de l'École des Hautes Études, sciences religieuses; 20), 1907, pp. 195-196; *DAGR*, s. v. Jupiter [CH. DAREMBERG; E. SAGLIO, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris: Librairie Hachette et C^{ie}, 5 tomos = *DAGR*].

¹⁰ F. PEETERS, «Le culte de Jupiter en Espagne d'après les inscriptions», *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, 17:1-2, 1938, p. 191.

jupiteriana puramente naturalista.

A fórmula em causa estará também presente na árula de Carviçais (Torre de Moncorvo), sendo, à luz deste novo testemunho, preferível à proposta *pr(o) s(alute)* que tem vigorado desde a sua publicação¹¹.

A datação do monumento poderá inserir-se em fase bastante avançada do século II ou já nos inícios do seguinte, considerando a paleografia, com destaque para a tendência alongada de algumas letras, mas também para a largueza do M e a inclinação do N para diante, proposta que a equacionada estrutura duonominale do nome do dedicante pode confortar. Coadunar-se-á, assim, com a do monumento de Zava recentemente dado a conhecer, para o qual havíamos admitido uma cronologia severiana ou inclusive algo posterior, aventando, inclusive, uma possível influência relacionada com a importância que os Severos dão à faceta jupiteriana de *Conservator*, bem patenteada na amoedação¹².

Os testemunhos transmuntanos que referimos têm em comum estarem vinculados a pequenos suportes, como o que se apresenta. Este aspecto coadunado com a ideia do primaz sentido tutelar que, sobre o político, se desprenderá das dedicatórias que expõem, bem como o facto de maioritariamente a identificação dos dedicantes surgir por meio de abreviaturas, levam-nos a considerar para estas ámulas um enquadramento privado.

ARMANDO REDENTOR

ANTÓNIO PEREIRA DINIS

EMANUEL CAMPOS

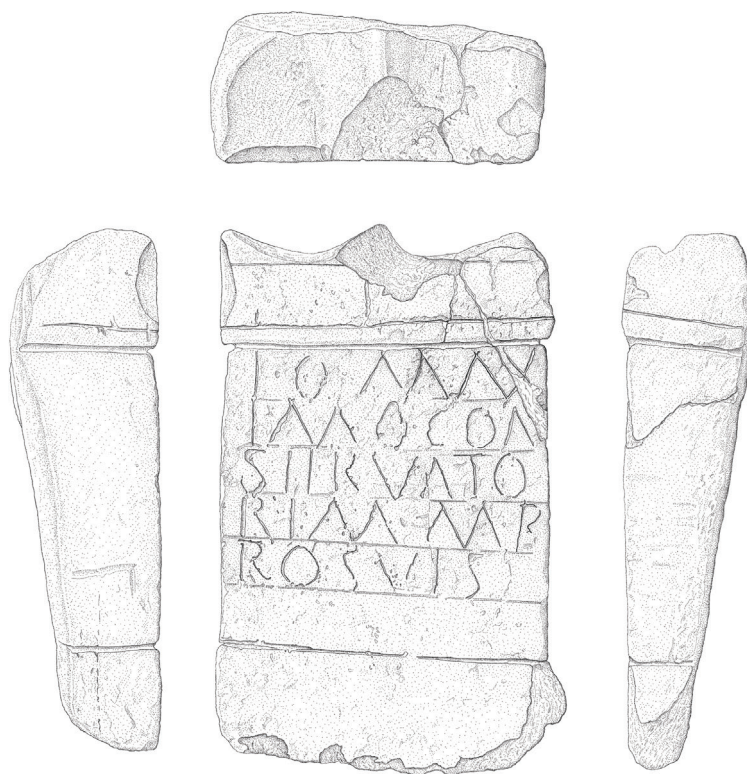
¹¹ Assim estabeleceu J. Tavares, «Inscrição romana inédita», *O Archeologo Português*, 1ª série, 8, 1903, pp. 156-157, sob proposta de J. L. de Vasconcellos. A leitura da mesma pode, segundo a nossa avaliação, estabelecer-se do seguinte modo: I(ovi) • O(ptimo) • M(aximo) C(onservatori) / C(aius) • I(---) • A(---) / PR(o) • S(uis) • SO(lvit) / M(erito). Apesar do trabalho frustrante, torna-se evidente ter havido uma preocupação de seguir um alinhamento ao centro, não havendo evidência que possa sustentar um S antes da identificação do dedicante, centrada na l. 2, cuja sigla central deve preferentemente entender-se como I seguido de ponto e não como P.

¹² J. FERGUSON, *The Religions of the Roman Empire*, Ithaca, Cornell University Press, 1970, pp. 41-43.

FOTO: © José Ribeiro



662



UMA «ARA ROMANA» EM PROENÇA-A-VELHA?

Encontra-se, em reutilização, na igreja matriz de Proença-a-Velha uma pedra com letras, cuja tipologia copia a de uma ara romana.

Não se sabe onde foi encontrada e quando terá ido para a matriz. Trata-se de uma imitação, de autoria e cronologia incógnitas, sobretudo se tivermos em conta não apenas o letreiro que ostenta, mas também a ‘factura’: as molduras, do tipo gola directa e reversa (respectivamente, no capitel e na base), têm a superfície trabalhada a escopro de dentes, e o conjunto não está alisado, como é de hábito nos monumentos romanos, mas trabalhado a ponteiro fino. Contudo, as letras parecem antigas e a pátina também.

Dimensões: 40 x 26.

Campo epigráfico: 19 x 20.

ANA / [...] [?]VI · T

Altura das letras: 3,5.

A largo com travessão, horizontal, ligeiramente abaixo da meia altura; as hastes do N não se tocam; no final da l. 1,

um ponto, que, como o que se vê, na l. 2, após o I, foi posto a meio da linha, como é de hábito nas inscrições romanas. Antes do V, poderá ter havido a intenção de gravar uma letra, mas está apenas um traço oblíquo, paralelo à perna direita do V. No final, embora a barra não esteja muito perceptível, inclinamo-nos para ler T.

Torna-se aliciante considerar ANA o antropónimo português, na medida em que, em latim, a palavra se escreve com dois NN. Esse aspecto assim como o carácter inusitado do que se lê na l. 2 levam-nos a considerar que se trata, de facto, da menção a uma pessoa portuguesa, escondendo, porventura, a l. 2 os seus apelidos, conhecidos no meio para onde a pedra foi pensada. A ideia de estarmos perante um marco de propriedade não se nos afigura, pois, despicienda. E o propósito desta publicação aqui no *Ficheiro Epigráfico* baseia-se no facto de ter sido utilizada uma tipologia claramente romana, que assim se dá a conhecer, afastando-se a possibilidade de se estar perante uma ara romana.

JOAQUIM BATISTA
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



663

FRAGMENTO DE MILIÁRIO EM ALTER DO CHÃO

Encontra-se acondicionado nas Reservas de Arqueologia da Câmara Municipal de Alter do Chão o fragmento de um miliário romano, fruto da recolha de superfície efectuada por Jorge António e Rui Pires Lourenço, na Casa de Alvalade, concelho de Alter do Chão.

Este arqueossítio vem identificado nas fontes históricas igualmente como “caza da valada”¹ e “Casa de/da Avelada”² e o Cónego António Gonçalves de Novais refere a existência de vestígios romanos no local, à semelhança dos que se encontraram à época na vila de Alter do Chão.

De granito, com 15,3 cm de altura e cerca de 40 cm de diâmetro, cor esbranquiçada/cinza e de forma cilíndrica, o fragmento teve reaproveitamento como mó, uma vez que, sendo plano na ‘base’, a parte superior revela ligeiro rebaixamento das extremidades para o orifício central, de

¹ NOVAIS (António Gonçalves de), *Relação do Bispado de Elvas*, Lisboa, 1635, fl. 28.

² CARDOSO (Luiz), *Diccionario Geografico...*, Lisboa, 1747, p. 371; LIMA (J. Garcia de), «A Villa de Alter do Chão», *Archivo Historico de Portugal*, n.º 12, I.ª Série, Outubro de 1889, p. 46.

configuração circular: 3,8 cm de profundidade e 8 cm de diâmetro.

Na face pode ler-se MAX, que se interpreta como a abreviatura de MAX(*imus*), não sendo possível saber-se o caso em que está nem o que viria nas linhas superior e inferior a esta.

A altura das letras varia entre 6,4 e 8,8 cm, o que nos leva a propor, como hipótese, atendendo, inclusive, à paleografia³, que poderia ser a menção PONT(*ifex*) MAX(*imus*), no nominativo, ou, no ablativo, PONT(*ifice*) MAX(*imo*).⁴

Aliciante seria, pois, atribuir o miliário ao tempo do imperador Augusto e à via que, passando por *Abelterium*, ligava a capital da província, *Emerita*, a *Olisipo*, a via que passava pela ponte da Ribeira da Seda e que, segundo Vasco Mantas, «foi a principal estrada de comunicação entre Lisboa e Mérida»⁵.

JORGE ANTÓNIO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

³ As letras aproximam-se das capitais quadradas do início do Império: o M bem aberto, A com travessão horizontal, X simétrico.

⁴ Em épocas mais tardias, nomeadamente a partir do século III, *Maximus* começará a ser utilizado também no âmbito dos atributos imperiais relacionados com as guerras em que os imperadores participaram e das quais saíram vitoriosos: *Parthicus Maximus*, *Britannicus Maximus*, *Dacicus Maximus*...

⁵ MANTAS (Vasco Gil), *As Vias Romanas da Lusitânia* [Série *Studia Lusitana* nº 7], Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 2012, p. 172. Ver também as considerações exaradas por este investigador a partir da p. 167.



664